



## **JORNALISMO AMBIENTAL COMO INSTRUMENTO DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL: *O JORNAL AGORA NA CONSERVAÇÃO DAS DUNAS DO CASSINO*<sup>1</sup>**

Marcio Vieira OLIVEIRA<sup>2</sup>

Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, RS

### **RESUMO**

Esse trabalho teve a finalidade de verificar as possibilidades que a mídia impressa tem como instrumento de divulgação de informações sobre meio ambiente na perspectiva de contribuir com o processo de Educação Ambiental dos seus leitores. Para tanto foi analisado um caso específico - uma análise descritiva das matérias publicadas no Jornal Agora, diário da cidade de Rio Grande no Rio Grande do Sul, sobre a “Conservação das Dunas Costeiras da Praia do Cassino”.

**PALAVRAS-CHAVES:** Comunicação; Educação Ambiental; Meio Ambiente; Jornalismo Ambiental; Mídia

### **Introdução**

Tanto se discute em todos os momentos do nosso cotidiano sobre questões que às vezes esquecemos de perguntar, tais como: - Como vai a nossa casa? Casa que eu considero, as nossas relações de trabalho, o nosso relacionamento familiar, as relações com a ecologia, as nossas crenças, ou seja, com o todo, uma relação mais intensa com o meio em que vivemos: o meio ambiente.

E será que essa nossa casa está em ordem? Como ela anda? Percebemos nos noticiários diários as grandes transformações que estão acontecendo, estão deteriorando, estão arruinando nossa casa. E o que iremos fazer para mudar essa realidade?

Em tese todos falam, discutem, ouvem, mas na realidade a sociedade capitalista se faz de cega para poder, como no industrialismo, produzir e crescer cada vez mais. Não importa o preço que terá que se pagar por esse processo, aliás, nem falem porque são capazes de expurgá-los do planeta. E me pergunto: - Por quê? Será que é pela alienação que os meios de comunicação produzem? Será que é pela educação, ou

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no NP Comunicação Científica do VIII Nupecom – Encontro dos Núcleos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Mestre em Educação Ambiental pela Universidade Federal do Rio Grande- FURG, email: marciovoliveira2000@yahoo.com.br.



melhor, pela falta dela? Essa seria uma resposta que gostaria de ter para resolvermos todos esses problemas que assombram nossa sociedade.

Não percebemos a importância que temos, o ser humano, no contexto de nossa sociedade. Somos parte integrante do meio em que vivemos e não à parte como querem que pensemos; aliás, essa é a concepção que tentam nos passar desde a escola.

Realizar essa pesquisa e utilizar as teorias do jornalismo ambiental e da Educação Ambiental é acreditar que essa é uma das opções que temos para enfrentar o sistema vigente, em que o ser humano é tratado como uma máquina dispensável e desconectado do meio ambiente.

Poder abrir um jornal ou assistir a um programa de televisão e ver, ali, simples e brilhantes reportagens abordando questões ecológicas e humanas atreladas e com conteúdo, não pode ser uma utopia e sim realidade. E assim poder discutir com qualquer pessoa, de qualquer classe social, qualquer assunto relacionado ao meio ambiente, economia, administração pública, entre tantos outros temas de forma que não sejamos manipulados e enganados.

O meio ambiente tem sido discutido intensamente nas últimas décadas, mas em quase todos os discursos está diretamente associado à preservação da natureza. No meu entender a Educação Ambiental deve ser um instrumento utilizado para que esse conceito seja ampliado. (Pires, 2004)

#### **Contextualizando para o entendimento:**

O objetivo geral desta pesquisa foi investigar como a mídia impressa pode atuar como instrumento de divulgação de informações sobre o meio ambiente na perspectiva de contribuir com o processo de Educação Ambiental dos seus leitores.

Nesse trabalho, também tivemos o interesse de pesquisar como a mídia impressa rio-grandina contribui com o processo de tomada de decisões de seus leitores no que concernem temas relacionados ao meio ambiente.

E como se deu esse levantamento? Foi realizada uma análise das matérias publicadas no Jornal Agora, periódico diário da cidade de Rio Grande, interior do Rio Grande do Sul, relacionadas à Conservação das Dunas Costeiras do Balneário Cassino em Rio Grande. A metodologia usada foi uma investigação descritiva com abordagem qualitativa, ou seja, através das teorias da Educação Ambiental e do Jornalismo Ambiental é que foram analisadas as reportagens publicadas (17) nas edições do jornal.

O período escolhido para análise das matérias foi compreendido entre os anos de 1998 e 2000, período esse que se percebeu através de pesquisas prévias um número



grande de reportagens sobre o assunto e também por se encontrar um projeto que polemizou as discussões na cidade.

### **A pesquisa**

O Jornal Agora, sendo um jornal diário e de abrangência local, mais precisamente nas cidades de Rio Grande e São José do Norte, realiza cobertura dos assuntos relacionados com o meio ambiente nas seções intituladas “cidade”. Durante o ano de 1998 foram registradas cinco reportagens sobre o assunto “Preservação das Dunas”.

A primeira reportagem do ano datada de 5 de fevereiro de 1998 trata sobre a controvérsia da retirada de areia das dunas. Com a manchete “Nova polêmica envolve retirada de dunas no Cassino”, o jornal fez destaque para a matéria com uma grande foto na capa de uma máquina retirando areia das dunas e descarregando em caminhão.

Na página três, no topo, a reportagem trata sobre uma denúncia feita por um morador do Balneário Cassino e integrante do CEA – Centro de Estudos Ambientais, Organização Não-Governamental ambientalista que tem uma atuação destacada na região e no país por suas ações e por sua representatividade. A mesma teve a manchete “Retirada de dunas gera polêmica”.

“Mais uma vez a retirada de dunas de áreas próximas à praia, no balneário Cassino, gera protestos. Dessa vez aconteceu no final de semana passada, quando um membro do Centro de Estudos Ambientais (CEA), morador do Cassino, impediu a retirada de areia das dunas da Autarquia do Balneário Cassino (ABC), colocando-se à frente das máquinas que executavam o serviço.”

Nessa matéria o morador, através do CEA, fez uma denúncia contra a Prefeitura Municipal que estava retirando areias das dunas, afirmando que essas são locais de preservação permanente, conforme resolução do CONAMA – Conselho Nacional de Meio Ambiente. A Prefeitura rebateu as críticas dizendo que o trabalho era apenas de desobstrução das ruas que têm acesso à praia e que tinham licença da FEPAM – Federação Estadual de Proteção ao Meio Ambiente, órgão responsável pela liberação.

Na reportagem o gerente da FEPAM não se opôs à atividade e enviou um ofício à Prefeitura dizendo que a utilização do material retirado das dunas poderia ser utilizado para a recuperação das ruas. Na reportagem não há referência à liberação da FEPAM, ou seja, o conteúdo que continha o documento que fazia a liberação.

Em uma primeira análise a reportagem que está sendo discutida e que faz parte do objeto de análise deste trabalho tem um cunho de denúncia, assim confirmando a



teoria que diz que as recorrências da temática ambiental na mídia sempre têm a mesma conotação, pois mostram e confirmam a idéia de natureza intocável, a da devastação pelo homem, com uma visão romântica desse conceito.

Quando verificado em alguma incidência esses assuntos são marcados pela denúncia (Ramos e Ramalho, 1992), caindo sempre no esquecimento, pois as investigações dos crimes ambientais nunca têm seguimento e as autoridades competentes não tomam as possíveis medidas para a punição desses crimes.

Essa questão é claramente verificada nessa reportagem, pois nas edições posteriores do jornal não houve nenhum esclarecimento ou tentativa de mostrar os desdobramentos do caso, se realmente a licença autorizava a Prefeitura a fazer a retirada da areia, ou seja, nenhuma investigação foi feita com mais detalhamento. O que disse a promotoria de defesa comunitária? Alguém foi ouvido sobre essa denúncia? O que aconteceu com os infratores? Nas edições posteriores do jornal não foi verificada nenhuma explicação em matéria sobre o caso.

Quando usamos a teoria que o meio ambiente é apenas retratado nos veículos de comunicação em questões como denúncias, e não tenta se fazer uma correlação direta com a vida de toda a sociedade, notamos que essa teoria se confirma na prática; e mais, que os jornalistas não retomam os casos para se verificar se houve ou não algum culpado e se foram tomadas as devidas medidas jurídicas.

Essa reportagem tornou-se um pouco diferente de outras porque ela trouxe uma explicação sobre a retirada de areia das dunas em tempos anteriores, e uma pequena explicação sobre a importância dessas para o meio ambiente. Mas por que nessa matéria não se proporcionou uma explicação mais abrangente do caso e das conseqüências que a retirada de areia poderia ocasionar para a vida de toda a população?

A mídia, segundo Rygaard (2002), não faz uma correlação direta entre os problemas ambientais e a vida em grupo de toda a sociedade. Ela, na realidade, dissocia uma situação da outra, fazendo com que o indivíduo sinta-se acima dessas questões. Não é possível, através dessas reportagens, o sujeito perceber como é a realidade que está à sua volta.

Notadamente não se percebe em nenhum momento a entrevista com o morador que fez a denúncia. Por quê? Em nenhum momento não se tem referência à população do balneário, principal envolvida na questão. Onde estão os envolvidos no assunto? Apenas notamos a entrevista do Superintendente do Balneário, no caso, os que estavam



infringindo a lei, porque como é do saber de todos que as dunas são patrimônio histórico, natural e paisagístico do município e que não podem ser danificadas pela ação do homem, conforme resolução do CONAMA – Conselho Nacional do Meio Ambiente. Mas por quê? Onde está a versão dos acontecimentos? Apenas se verificou a posição de uma das partes, ou seja, a que estava infringindo a lei.

Segundo Nelson (1994), os jornalistas têm que se preocupar em ouvir sempre os dois lados, as duas versões sobre o acontecimento. Ele retrata sobre a imparcialidade do jornalista na produção de notícias. Para o autor é necessário que haja um equilíbrio por parte dos profissionais, na maneira de como se posicionar perante a temática ambiental, nem sendo um ambientalista na redação e nem deixando de fazer um exercício de cidadania, ou seja, para ele o repórter tem que sempre verificar os dois lados da notícia, sem deixar de lado a verdade.

Ainda para o autor alguns jornalistas não conseguem fazer uma reportagem sobre poluição defendendo a empresa poluidora, mas como diz – não se exige isso e sim que se mostrem todos os lados do fato. Por outro rumo alguns jornalistas preferem pensar que para existir crescimento é necessário alguns sacrifícios e esses, pelo que se percebe, envolve a natureza. Daí entra na questão da formação e preparo de cada profissional. É necessário mudar a concepção da sociedade, inclusive dos jornalistas, para que se consiga mudar o atual sistema, que coloca em risco a vida das gerações futuras. Tudo isso é uma questão de percepção, de valores de cada um, que são passados há séculos pelos donos do poder, perpassando pelo tempo e que se traduz atualmente, com esses pensamentos.

Já na questão da diagramação da reportagem na página, ela foi publicada na parte superior e na página ímpar (número três), ou seja, no ponto mais valorizado de uma edição jornalística impressa. Esse espaço valorizou de certa forma o acontecimento.

O ano de 1999 não foi diferente em relação às abordagens sobre a conservação das dunas. Foram registradas nas edições do jornal apenas três matérias sobre o assunto. A primeira matéria registrada foi nos dias 20 e 21 de fevereiro de 1999. Na capa, a manchete: “NEMA investe em educação para preservar dunas”.

Junto com a manchete há uma foto na parte direita da página no canto inferior. Nesta foto há uma placa com a seguinte frase: Bem-me-quer? Mal-me-quer? Bem-me-quer? Mal-me-quer? Pergunta a margarida das dunas ao “Bicho Homem”. Uma referência às margaridas que são plantadas nas dunas para que a mesma não avance para



as ruas do balneário. Essa planta é uma espécie nativa e faz o trabalho de fixação das dunas.

Essa foto nos remete a uma relação que pouco se vê nas edições do jornal. A placa em questão faz parte do projeto do NEMA em relação às dunas do Cassino. O NEMA é uma ONG que tem como filosofia a Educação Ambiental; até aí nada de extraordinário. Mas o que nos remete a um questionamento é a foto publicada na capa do jornal: uma importante fotografia que tem um grande significado para nossa análise. Como se sabe a questão ambiental é colocada à margem das discussões nos veículos de comunicação, e assim não podia ser diferente. Nessa edição do jornal, ela mereceu destaque na capa, com manchete e fotografia. Mas não ganhou o espaço para a vinda do Ministro dos Transportes à cidade de Rio Grande e que prometia investimentos em obras na cidade, e que tinham por objetivo os interesses econômicos. Aqui mais uma vez se percebe a valorização sobreposta do econômico sobre o ambiental.

Como sempre os valores econômicos têm mais destaques e são mostrados de uma forma que as pessoas tenham realmente como linha mestra de vida o ganho real, e não valores como um ambiente saudável e uma vida mais justa para todos.

Num mundo capitalista, em que o valor de uma vida significa menos do que os ganhos em um negócio, os veículos de comunicação reiteram esse conceito. Mesmo que feito indiretamente pela editora geral do jornal, a fotografia maior, que mostra os valores econômicos, é passada com mais importância, porque isso está fixado já no consciente e não o inverso.

Na matéria publicada no jornal localizada na página quatro, no canto direito superior, seguia a seguinte manchete: “NEMA intensifica ações para preservação das dunas”.

A matéria trata sobre a educação da comunidade para a preservação das dunas locais. O NEMA, à época, colocou placas com frases que estimulavam a consciência ambiental das pessoas. A reportagem também trazia a informação de que o Núcleo estava realizando estudos sobre as plantas que serviriam de fixação para as areias das dunas. O que se observa nesse período é que não havia nenhum questionamento sobre a retirada de areia ilegal das dunas, pois pelo que se percebe na cobertura da imprensa é que não houve nenhuma denúncia: não há reportagens que justificassem nas edições diárias do jornal.

O que se percebe nessa matéria é que há uma preocupação constante do NEMA, que já é conhecida por toda a comunidade rio-grandina, pois o núcleo é uma



das entidades mais ativas na conservação das dunas do balneário. Todo o estudo é realizado pela entidade desde 1986, como pode ser registrado em pesquisa junto à organização.

Como já se percebeu nas edições diárias do jornal, quando trazem alguma referência ao tema ambiental “Dunas”, é sempre de maneira superficial. São matérias explicativas apenas, que seguem simplesmente o que em jornalismo se chama de *Lead*, ou seja, são respondidas algumas perguntas básicas para que o leitor fique sabendo o principal da notícia. Essas perguntas são: O que? Como? Onde? Por quê? e Quando? As matérias não são tão elaboradas, apenas usam uma fonte ou quando apenas repetem os *releases* que são enviados pelas Ongs.

No ano de 2000 foram registradas nove matérias sobre o assunto “Preservação das dunas costeiras do Cassino”. Foi neste ano que houve a maior polêmica sobre o assunto. Quando um projeto de um vereador entrou em discussão na Câmara Municipal sobre a abertura de ruas nas dunas, o assunto realmente dividiu opiniões e foi alvo de algumas reportagens.

No ano de 2000 foram registradas nove matérias sobre o assunto “Preservação das dunas costeiras do Cassino”. Foi neste ano que houve a maior polêmica sobre o assunto. Quando um projeto de um vereador entrou em discussão na Câmara Municipal sobre a abertura de ruas nas dunas, o assunto realmente dividiu opiniões e foi alvo de algumas reportagens.

A primeira matéria do ano foi encontrada na edição do dia 26 de janeiro, na página 11, em um caderno especial que comemorava os 110 anos do Balneário Cassino, na parte superior da página.

Com a manchete: “NEMA trabalha na recuperação das dunas”, a referida matéria destacava o trabalho do NEMA durante vários anos na preservação das dunas do Cassino.

A primeira parte da matéria traz um histórico do NEMA, organização não-governamental, e os projetos que trabalhavam na época. Um dos assuntos abordados, também, foi a polêmica da recuperação das dunas que a ONG começou a fazer cerca de 10 anos. A matéria traz algumas falas dos ambientalistas que fazem parte do Núcleo. Nas falas observa-se que os ambientalistas abordam os resultados desse trabalho e que na época a comunidade já tinha consciência que aquela recuperação era necessária para a manutenção do balneário, pois como foi dito por um dos especialistas da ONG, a água do mar – quando havia ressaca – chegava às ruas mais próximas do mar, causando





assim enormes transtornos aos moradores. Outro ponto que se observa é que nas falas sempre o aspecto econômico é levantado, como exemplo quando a Prefeitura deixa de colocar as máquinas nos trabalhos de retirada de areia das ruas e assim sobra mais tempo para os servidores trabalharem em outras necessidades do balneário.

Essa matéria faz parte do caderno de aniversário dos 110 anos do balneário Cassino. A matéria começa com um pequeno histórico das atividades do NEMA, que trabalha com a questão ambiental em Rio Grande. No segundo parágrafo da matéria o repórter trata o assunto conservação das dunas como um fato polêmico. Mas o assunto era realmente polêmico ou importante? Existe uma grande diferença nesses dois termos. Mas para ele o mais ideal encontrado foi o “Polêmico”. Isso faz com que os leitores pensem a temática ambiental sempre como algo que não faz parte do seu dia-a-dia, pois tem que haver um comprometimento do jornalista com essa questão. Quando ele trata de polêmico um termo importante para a conservação do ambiental natural de uma região, ele cria uma desconexão entre todas as partes envolvidas.

É necessário que os profissionais da comunicação sejam interlocutores nesse espaço que se dá dentro das redações, e não simplesmente serem repassadores de fatos.

Os episódios citados na matéria sobre a retirada de areia e que foram colocados nas estradas em construção na época não foram contextualizados e explicados para os leitores. Não se fez um paralelo entre esse fato e a invasão da água nas ruas do balneário. O que realmente aconteceu e por que aconteceu? Porque isso não foi explicado e contextualizado, já que essa edição do jornal era em comemoração ao aniversário do Cassino e esse assunto tem grande importância para os moradores.

Nos últimos parágrafos da matéria se tentou fazer um resgate do que é o Projeto Dunas, em vez de se mostrar a importância das dunas e dessa vegetação para as mesmas e para a comunidade; eles fizeram um resgate do que é o projeto desenvolvido pelo NEMA e não da importância das dunas.

Outro ponto que se observou nessa matéria é que o principal causador da retirada de areia das dunas, seja para qual motivo aconteceram, foi a Prefeitura Municipal – e não foi citada. Eles citaram que a retirada de areia gerou polêmica, mas quem ocasionou esse fato? Isso eles não citaram. Por quê? Talvez seja porque a própria Prefeitura era uma das anunciantes da edição de aniversário do balneário? Talvez.

Percebemos claramente o fator econômico interferindo nas questões tanto ambientais como outra qualquer dentro de um veículo de comunicação, que tem seus lucros na base da publicidade e não nas vendas de exemplares para os leitores.





Rygaard (2002) afirma que, hoje os grandes veículos de comunicação, mas não só os grandes, os pequenos também, são de propriedade de empresas capitalistas, comerciais e que têm como única e exclusividade o lucro. A sobrevivência dessas empresas se dá em sua maioria por anúncios publicitários e não pela venda avulsa ou por assinatura dos exemplares para a população, e isso, certamente, ocasiona um comprometimento muito grande com esses anunciantes, o que torna quase impossível se ter um jornalismo independente e de qualidade.

Conforme os pressupostos por Jüngen Habermans, relacionados com o que escreveu sobre imprensa, confirmamos o que se encontrou nas páginas dos jornais. Habermans (Velasco, 1991) afirmou que os jornais dentro da lógica do capitalismo transformaram-se em uma empresa, em que o lucro passou a ser o objetivo principal do trabalho. Busca-se rentabilidade e os interesses econômicos dentro dessa lógica. Nos jornais dos dias de hoje, encontramos facilmente esses indicativos, pois esses veículos de comunicação são empresas constituídas e que têm como principal finalidade o lucro, conquistado através dos anúncios publicitários divulgados nas edições.

Quando se percebe a lógica do capitalismo dentro dos veículos de comunicação através dos anúncios publicitários, perde-se o caráter social e, assim, transformando-se numa indústria que, como toda empresa, precisa ter lucros e rendimentos e também manter seus interesses acima de qualquer coisa, não importando os interesses sociais.

Outras questões que Habermans (Velasco, 1991) cita em sua crítica são os assuntos editados nas páginas dos jornais. Esses assuntos não necessariamente precisam ser de interesse coletivo, muito pelo contrário, eles devem ser de interesse da empresa e de sua importância.

Nem sempre as principais discussões que preenchem as páginas são as discussões que são de interesse do grande público. O jogo de empenho é evidenciado nas páginas de anunciantes e foge-se do compromisso da comunicação social.

O que se percebeu com a análise foi que como as teorias afirmam que as reportagens veiculadas, em sua grande maioria, são a respeito de denúncias, sejam elas de qualquer natureza. Denúncias essas que são recorrentes na maioria das editorias dos jornais brasileiros, e que em sua grande parte não são investigadas pelas autoridades competentes, por motivos tão óbvios que não tomariam mais tempo em explicar, pois é do saber de todos que o fator econômico é levado em consideração.



Percebe-se também a idéia de uma natureza intocável e que o ser humano não faz parte desse incontestável bem do qual a humanidade é componente. Essas reportagens de denúncias geralmente não têm continuidade, e foi o comprovado nesse caso estudado em relação às “dunas do Cassino”.

Notou-se ainda que falta uma correlação mais direta dos fatos ocorridos com a realidade de cada indivíduo. As matérias ambientais que recorrentemente fazem parte das edições diárias dos jornais, em sua maioria não tentam contextualizar os fatos ambientais com a vida direta de cada indivíduo, fazendo assim que ele se sinta parte desse cosmo.

De maneira especial, percebe-se uma falta de preparo dos profissionais da comunicação e que estão envolvidos diretamente na cobertura dos casos ambientais. A falta de preparo por parte desses, tanto no momento de apurar os fatos, de se fazer a investigação, de se perceber a importância das questões ambientais e que correlação têm diretamente com a vida de cada indivíduo e com a coletividade. Foi outro aspecto relevante durante a pesquisa. Os profissionais da comunicação não se especializam nessa área e é muito fácil encontrar-se grandes erros, tanto na área das nomenclaturas quanto em relação às fontes usadas nas reportagens.

Segundo a jornalista ambiental Ilsa Girardi (Disponível em: [www.jornalismocientifico.com.br-artigojornalismoambientalilzagirardi.htm](http://www.jornalismocientifico.com.br-artigojornalismoambientalilzagirardi.htm) Acesso em: 23.04.2003), em artigo publicado no *site* Portal do Jornalismo Científico, o jornalista ambiental deve ser um profissional consciente do seu papel social, e por trabalhar em uma área muito importante deve ser bem informado, responsável pelos seus atos e estar sempre apto a novos aprendizados.

Neste cenário complexo o Jornalismo Ambiental assume uma missão muito importante para contribuir com a transformação da sociedade tendo em vista um *oikos* solidária, sadia, afetiva e ética. E o jornalista precisa estar consciente de seu papel como agente de transformação social. Precisa estar bem informado, estuda constantemente e ter responsabilidade social, pois atua em um campo muito amplo que exige domínio, a linguagem científica, para que esta possa ser codificada e democratizada. É um campo que freqüentemente se apega a discursos ambíguo para justificar a imposição de certas tecnologias que são apresentadas como benéficas e salvadoras da humanidade. (Girardi, 2003)

Dever-se-ia ter um preparo muito mais cauteloso na hora de selecionar um profissional para se cobrir determinado assunto, pois será esse que, certamente, formará a opinião de uma grande parcela da sociedade sobre determinado assunto. E o que se vê



nas redações são jornalistas que não têm a mínima intimidade com o assunto; mas como todos são generalistas, qualquer um acha que pode cobrir tão importante assunto.

Seria necessária uma formação específica, além do diploma de jornalista, como cursos de especialização, palestras com profissionais da área ambiental e, além disso, terem a preocupação de promoverem o bem social e não do capital.

A grande mídia, ainda mesmo que divulgando algumas poucas reportagens e brechas sobre a temática ambiental, a traz em um apelo pouco, digamos, ético. O que estou dizendo é que em muitos casos é apenas destacado com pouca profundidade e sem muitos questionamentos. Quando há apelos mais acalorados, é porque são casos isolados e pelo trabalho de algum jornalista, e que logo é taxado de “ecochoato” ou qualquer outro adjetivo.

Na realidade o que vemos nas coberturas jornalísticas, tanto na grande mídia quando nos interiores, é que há uma fragmentação (Villar *apud* Becker, 1998) da mídia em geral em relação aos assuntos relacionados ao meio ambiente. São feitas algumas concessões, principalmente sobre alguns assuntos que tenham repercussão internacional, como as queimadas na Amazônia, a morte de algum ecologista de renome internacional, ou algum grande desastre que tenha efeitos catastróficos.

Como se conferiu, as páginas dos jornais, em sua maioria, eram destinadas às notícias de cunho econômico, e logo abaixo, as que se relacionavam à área ambiental, firmando assim um posicionamento inferior. Dessa forma os jornais ajudam a formar no imaginário do coletivo exatamente esse contexto, que os aspectos econômicos são de maior importância do que os assuntos ambientais e que estão diretamente relacionados ao ser humano.

Ainda em relação aos setores em que as notícias ambientais são veiculadas, o Jornal Agora reitera ainda mais o aspecto da importância dada a esses assuntos, pois não existe uma área específica dentro do jornal para condução desses assuntos, e sim em algumas edições do jornal, confirmando a recorrência de que ou são em relação às denúncias ou quando apelam para o sensacionalismo romântico de natureza intocável.

Outra constatação feita é a falta de criatividade que assolam as redações dos jornais desse país. Muitas vezes são utilizados *releases* inteiros sem nenhuma modificação ou constatação de que realmente aqueles fatos relatados aconteceram daquela forma ou não, o que eu chamo simplesmente de matérias *Lead*, ou seja, que não trazem nenhuma informação a mais que tenha grande impacto na formação do coletivo, e sim apenas relata um fato que irá acontecer.



Diferente comprovação que tive foi de que os veículos de comunicação, nesse caso os jornais, são um dos responsáveis da formação da idéia de que o homem não faz parte do meio ambiente. Relato isso porque é muito evidente nas matérias editadas pelos jornais a referência de que o homem tem que cuidar do meio ambiente, a não contextualização dos fatos com a vida cotidiana das pessoas, e a falta de responsabilidade dos atos humanos em relação à degradação ambiental. Esses fatos ajudam o ser humano a se sentirem acima da natureza e usarem-na de forma que melhor acham que deva acontecer.

Notado também o poder econômico e sua influência dentro das redações. Nesse caso nas páginas do Jornal Agora, como também sabemos que em todos os veículos de comunicação do país e do mundo, existem os anunciantes, e que só serão anunciadores desses veículos porque têm interesses, mas no momento em que esses se sentirem ameaçados perante algum fato veiculado pelo jornal, deixarão imediatamente suas páginas. Verifiquei em uma reportagem cujo assunto era a questão da preservação das dunas, que um dos grandes destruidores desse ecossistema tinha sido a Prefeitura Municipal. Nessa reportagem, na mesma página, havia um anúncio feito por essa entidade governamental e a matéria não trazia nenhuma referência a um dos grandes responsáveis por esse dano. Então acurei que esse aspecto dentro das redações precisa ser vencido para que haja um engajamento muito mais amplo de todos os veículos de comunicação, para que essa degradação não cresça ainda mais.

Outra questão que se percebeu é a responsabilidade dos veículos de comunicação no crescimento do consumo de bens desnecessários e em grande escala, que acarreta os grandes desníveis econômicos no mundo. O jornal, na sua totalidade de reportagens que publicou sobre as dunas, sempre questionou o número de pessoas que jogavam lixo nesse ecossistema, levando o assunto sempre para a questão da consciência. Mas em momento algum ele questionou o modelo de desenvolvimento que leva as pessoas a consumirem um grande número de produtos e assim promoverem uma quantidade maior de lixo. Esse modelo de discussão sempre esteve presente em todas as edições que tinham por objetivo esclarecer a comunidade sobre a preservação das dunas.

Distinta comprovação que se verificou é que durante todas as reportagens analisadas apenas houve a recorrência da palavra “Educação Ambiental” em poucas matérias, para não dizer em quase nenhuma; não fizemos essa estatística, pois esse não era um dos objetivos. Mas a palavra apenas esteve presente nas falas dos representantes



do NEMA. Quando esses representantes eram convidados a dar alguma explicação, eles usavam a recorrência dessa palavra, mas em momento algum ela foi explicada para a comunidade em forma de reportagens ou pelo menos como parte explicativa em uma matéria. Pode perceber a importância dada ao termo e suas ações, já que não foi verificada qualquer citação sobre tal.

Outras recorrências dentro das reportagens ambientais são os erros cometidos pela falta de preparo dos profissionais que cobrem essa área. Não há uma preocupação em se manter um diálogo entre a comunidade, os técnicos na área e os motivos que levam à degradação ambiental. A linguagem técnica muitas vezes não é traduzida para o grande público, ou seja, as matérias trazem termos que não são do entendimento de todos, o que dificulta se fazer a conexão entre esses dois aspectos.

### **Conclusão:**

Dentro dessa exterioridade toda se salienta o papel do jornalista na construção do imaginário do coletivo. Pois o grande responsável por esse trabalho é o profissional que teve uma formação universitária, que durante quatro anos foram-lhe mostradas as teorias que formam essa profissão. E onde está o compromisso social feito por esse profissional que tem em sua carreira a titulação de Bacharel em Comunicação Social? Onde é que esse está cumprindo com esse papel? Será que através dos donos do poder, do capital? Mas aí não se pode chamar de “social” e sim, então, “Comunicação Econômica” ou “Comunicação Capitalista”. A realidade é que esses profissionais trabalham em empresas capitalistas que têm como objetivo o lucro. Mas até que ponto esses profissionais colaboram com esse sistema?

Sabemos que a norma vigente é a ditadora das regras, mas tem-se que ter em mente que os profissionais também fazem parte desse sistema. Espera-se que esses profissionais em sua tarefa diária saibam mostrar e contextualizar os fatos dos acontecimentos ambientais com o cotidiano de cada pessoa.

O que se percebeu é que a mídia faz pequenas incursões sobre a temática ambiental, colocando-a dentro das questões mercantis que veicula diariamente, compromete a Educação Ambiental e a criação de uma nova cultura sustentável, pois é comum verificar que as maiores recorrências na programação é de insuflar o consciente com idéias consumistas e de degradação.

Espera-se que os profissionais repensem o seu trabalho diário e que a temática ambiental tenha uma recorrência de grande relevância nas edições dos meios de comunicação. Muitas pesquisas em comunicação ambiental já estão sendo feitas por



vários pesquisadores em todo o mundo, mas elas devem ser em um volume ainda maior, e esses resultados devem ser divulgados para que não fiquem apenas nos círculos acadêmicos.

É necessário que haja uma intensificação dos estudos sobre o Jornalismo Ambiental e sua interface com a educação ambiental para se somarem à teoria já existente.

Então, após todo o exposto, a contribuição através dessa pesquisa, e que possamos todos ser propagadores de uma comunicação que tenha como objetivo a sociedade e seus interesses, e não apenas de uma parte dessa.

## Referências

ALBERGUINI, A.C. *Projeto Semear: mídia e educação ambiental na escola*. Campinas (SP), 2001. Universidade Metodista de São Paulo.

ALVES, A. *Os desafios do jornalismo ambiental*. Disponível em: [www.jornalexpress.com.br/noticias/detalhes.php?id\\_jornal=54&id\\_noticia=43](http://www.jornalexpress.com.br/noticias/detalhes.php?id_jornal=54&id_noticia=43). Acesso em: 23/04/2003.

ALVES, J.M.R. *O papel da mídia na informação ambiental*. Salvador, setembro, 2002. [Trabalho apresentado na sessão de comunicações temas livres, XXV Congresso Anual de Ciência da Comunicação].

BERNA, V. Jornalismo Ambiental. In: SANTOS, J. e SATO, M. (Orgs.) *A contribuição da Educação Ambiental à esperança de Pandora*. São Carlos (SP): Rima, 2001.

GIRARDI, I.M.T. *Jornalismo Ambiental, ética e cidadania*. Disponível em: [www.jornalismocientifico.com.br/artigojornaambientalilzagirardi.htm](http://www.jornalismocientifico.com.br/artigojornaambientalilzagirardi.htm). Acesso em: 23/04/2003.

NELSON, P. *10 dicas práticas para reportagem sobre o meio ambiente*. Brasil: WWF, 1997.

PIRES, P.A.G. *Educação Ambiental: seus propósitos, suas práticas na elaboração do projeto político pedagógico - um estudo de caso em Governador Valadares/MG*. Rio Grande (RS): FURG, 2004. [Dissertação Mestrado].

RAMOS, P.R. ; RAMALHO, D.S. *O ambientalista na mídia: da sustentabilidade pontual ao consumismo geral*. *Revista* da FEEBA/ Universidade Federal da Bahia. Departamento de Educação- Vol. 1, n.1, (jan./jun., 1992). Salvador: UNEB, 1992.

RYGAARD, C. *Ascensão, declínio e retomada do verde na mídia*. Rio de Janeiro, 2002. [Monografia]

TRIGUEIRO, A. *Meio ambiente na idade média*. Meio ambiente no século 21: 21 especialistas falam da questão ambiental nas suas áreas de conhecimento. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

VELASCO, S.L. *Como entender a educação ambiental: uma proposta*. AMB & EDUC. Rio Grande (RS), 1997, vol. 2, p. 107-119.



VELASCO, S.L. *Teoria da organização nos clássicos e uma incursão na filosofia política contemporânea*. Rio Grande (RS): FURG, 1991. [José Vicente de Freitas e Hildemar Luiz Hech (org)].

VILLAR, R. *Jornalismo Ambiental – Evolução e perspectivas*. Disponível em: [www.ecoagencia.com.br/artigos/jorental.htm](http://www.ecoagencia.com.br/artigos/jorental.htm) Acesso em: 07.08.2003.